

O ensino de Psicopatologia no cotidiano das ruas de São Paulo: um relato de experiência

The teaching of psychopathology in the daily life of the streets of São Paulo: an experience report

Tania Cociuffo*

Resumo

O presente trabalho é um relato de experiência das aulas práticas em Psicopatologia (disciplina do Curso em Graduação de Psicologia da PUC-SP) realizadas, pela primeira vez, no Centro Franciscano de Atendimento e Proteção ao Morador de Rua (Chá do Padre), no centro da cidade de São Paulo. Norteou nossa escolha pelo Chá do Padre, para a realização dessas aulas práticas, a ideia de ir ao encontro da população de rua, conhecer as histórias de vida e as formas de expressões dessa população em estado de vulnerabilidade. O desafio da nova proposta foi a ampliação dos espaços de inserção e escuta do sofrimento psíquico, para além dos equipamentos específicos de saúde mental da cidade. Concluímos que as ruas são espaços pertinentes para o desenvolvimento das aulas de Psicopatologia. O foco da experiência está no desenvolvimento da escuta, na constituição de um alargamento de continência, tanto intelectual quanto emocional de nossos alunos e que, portanto, mais do que uma aprendizagem, constitui-se num crescimento.

Palavras-chave: ensino, psicopatologia, moradores de rua.

Abstract

This paper is an experience report of practical classes in psychopathology performed for the first time at the “Centro Franciscano” (SEFRAS), which cares for the protection of the homeless, also known as “Chá do Padre”. “SEFRAS” is a place for social reintegration, protection and hospitality for the homeless located in the city centre of São Paulo. The idea that guided our choice for conducting the practical classes was to meet and be close to homeless people. We wanted to learn more about their life stories and how this population, in

* Mestre em Psicologia Clínica, Professora de Psicopatologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde do Departamento de Psicodinâmica da PUC/SP.

such a state of vulnerability, can express themselves. The challenge of this new proposal was to increase the opportunities for inclusion and support for psychological distress beyond the existing mental health structure of the city of São Paulo. We concluded that the city streets are relevant areas for the development of psychopathology classes. The focus of this initiative is to develop the listening experience in the students. We believe that it will constitute an intellectual and emotional development for our students. More than a learning path it may contribute to a personal growth.

Keywords: education, psychopathology, homeless.

INTRODUÇÃO

“A constituição do vivido em experiência (ou ainda: o que ensina o vivido), à qual a psicanálise confere um valor de historicização de si, dá todo seu sentido à psicopatologia”.

P. Fédida

Este trabalho apresenta o relato de experiência das aulas práticas em Psicopatologia realizadas, pela primeira vez, no Centro Franciscano de Atendimento e Proteção ao Morador de Rua (SEFRAS), conhecido como Chá do Padre. O “SEFRAS” é um espaço de reinserção social, proteção e acolhida da população de rua, localizado no centro da cidade de São Paulo. Além de servir diariamente o chá, realiza o atendimento e a mobilização na luta pelos direitos da população de rua.

Norteou a nossa escolha pelo Chá do Padre, para a realização dessas aulas práticas, a ideia de ir ao encontro da população de rua, conhecer as histórias de vida e as formas de expressões dessa população em estado de vulnerabilidade. O desafio da nova proposta foi a ampliação dos espaços de inserção e escuta do sofrimento psíquico, para além dos equipamentos específicos de saúde mental da cidade.

Para contextualizar a realização das aulas práticas, faremos um breve resumo do curso teórico/prático.

A disciplina faz parte do currículo obrigatório dos graduandos do 3º ano do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e acontece

em dois semestres: Psicopatologia I e II. O módulo teórico de ambos os cursos visa ao conhecimento dos pressupostos básicos da Psicopatologia Geral, fundada no início do século XX, por Karl Jaspers, com o objetivo de estabelecer sistematização e compreensão crítica das formas de diagnóstico e tratamento do sofrimento psíquico. Em paralelo, nas aulas práticas desenvolvidas ao longo dos dois semestres e, tendo como referencial teórico também a Psicanálise, “ressaltamos a questão específica do encontro com o nosso objeto de investigação – seres humanos em sofrimento psíquico intenso – que provoca angústia ao remeter à natureza humana em sua diversidade e fragilidade, dirigindo o olhar à própria subjetividade, e despertando a percepção da importância do processo terapêutico como um dos pilares centrais da formação do psicólogo. É necessário explicitar, acolher e compartilhar tais vivências, através da reflexão em grupo, o que propicia compreensão mais ampla do significado individual e social do adoecimento psíquico, aprendizado necessário aos futuros psicólogos”. (Cociuffo, 2012)

Ensinamos e aprendemos em nossas rodas de conversas. Proporcionamos uma escuta que qualifica a insegurança inicial de nossos alunos como fator de aprendizagem. Criamos espaços para a reflexão de nossos temores e preconceitos e podemos compartilhar o que em nós é tão escuro quanto a loucura. Caminhamos pela visão psiquiátrica, pela Psicanálise, pelos manuais de classificação. Refletimos, questionamos, posicionamo-nos.

Somos nômades, buscamos o conhecimento em vários lugares. Vamos para o IPq-HCFMUSP (Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP), para os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), para os ambulatorios, para a Clínica Vera Cruz, para os CAISM (Centros de Atenção Integrada em Saúde Mental). “Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão. Todo artista tem de ir aonde o povo está. Se for assim, assim será...” (Nascimento & Brant, 1999).

A partir dessa composição entre teoria e prática, na qual o arcabouço teórico da Psicopatologia descritiva fica reservado como um conhecimento necessário e histórico, mas não para ser aplicado diretamente em entrevistas diagnósticas em nossa prática, acompanhamos por um semestre

os participantes do Chá do Padre. Nossas aulas aconteceram às quartas e sextas-feiras, das 13h30 às 16h. O chá é servido para 350 moradores de rua, todos os dias, às 14h.

A EXPERIÊNCIA

Na primeira visita ao Chá, em uma sexta-feira, cheguei com antecedência. Estranheza. Num primeiro momento, desconforto, angústia, falta de sentido e a sensação de invadir um espaço. Sensação realçada por olhares desconfiados, um silêncio profundo contrastando com o barulho da rua. Observei o outro lado da rua e vi olhares que cruzavam o meu. Silenciosos. Perscrutadores. Devagar, o número de pessoas foi aumentando. Insisto no silencioso, na câmera lenta. No manso, no devagar. Tomada de diversas emoções, olhava para os meus alunos e pensava no que a experiência estava promovendo nesses jovens. Sempre disponíveis para a experiência. Angustiadados, aflitos, mas mantendo um lugar de respeito sempre. Esperavam um norte. O que olhar? Qual o enquadre? Psicopatologia... mais parece um estágio de Social, me disse alguém. Inquietação e ao mesmo tempo confiança na experiência. Sem respostas. Confiança na construção conjunta. Na construção do sentido. No que está por vir. Começamos a ouvir histórias de vidas especiais, dolorosas, fora da realidade do nosso cotidiano. O meu tempo subjetivo registrou uma passagem rápida do semestre. No momento de ir, angústia. Estar lá, emoção, ligação. Sair de lá, cansaço, impotência. Brasil. Na segunda vez, os olhares nos recebiam e de alguma maneira nos davam a permissão para compartilhar o espaço. Daí em diante, a construção gradativa de vínculos. Nos reconhecíamos e éramos esperados. O compositor de rap, o galanteador que sempre beijava nossas mãos, o crítico Aluizio¹, a senhora espanhola que, ao poder conversar em seu idioma com um de nós, recuperava com um largo sorriso, a possibilidade de ouvir a própria língua e ser entendida.

Um jovem de olhar doce que sempre me acenava com um sinal de positivo. O cheiro que me deixava nauseada. Leonardo, que me dizia que

1 Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

minhas alunas eram lindas. Ao final do chá, às 15h, as pessoas desapareciam. Como se evaporassem nas ruas da cidade. Invisíveis. A cidade diferente. O passar das horas imprime imagens tão distintas na cidade. Começa a entardecer e tudo parece mais quieto, mesmo com o barulho dos carros. Certa vez fiquei observando um apartamento em frente ao Chá do Padre. O único que possuía flores. Flores vivas na poluição e no concreto do centro de São Paulo. Ao lado, uma restauração em um prédio bonito que ninguém soube me dizer o que era. Psicopatologia. Qual o sentido? Penso na definição de Fédida:

Psicopatologia literalmente quer dizer: um sofrimento que porta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno. Como paixão, torna-se uma prova e, como tal, sob a condição de que seja ouvida por alguém, traz em si mesma o poder de cura. Isso coloca imediatamente a posição do terapeuta. Uma paixão não pode ensinar nada, pelo contrário, conduz à morte se não for ouvida por aquele que está fora, por aquele que é estrangeiro, por aquele que pode cuidar dela. (Fédida, 1988)

Estrangeiros, começamos. Deparamo-nos com a vulnerabilidade da população de rua. Com a realidade dos albergues, da crueza do chão. Lembro-me de um relato em que S. descreveu a sua primeira noite na rua. O impensável, o que para ele não tinha registro aconteceu. A solidão, o medo, o máximo do desamparo. Dormiu a segunda, a terceira noite e assim se passaram 12 anos. Brasil. A impotência diante da burocracia, do desamparo, do crime. Não tiveram chances, mas estão vivos. Às vezes como zumbis, vagando, às vezes como luz iluminando nossa cegueira e surdez.

A intervenção deve ser política. Buscar projetos em um plano maior. Aluízio nos disse: “Dar o bolo alivia quem dá o bolo. Me dê uma terra e um trabalho”. Registre também a raiva de Z., quando não dei a ele o dinheiro do metrô. Seria tão mais fácil ter dado. A violência na voz: “vocês olham e não ajudam em nada”.

Delicado esse nosso ofício que não pode ser aprendido de maneira concreta. Um curativo bem feito exige, além de habilidade, materiais como esparadrapo e gaze. Quais os recursos disponíveis, no entanto, para essa nossa aproximação? Como fazer curativos psíquicos que, na maioria das vezes, independem de materiais/ações concretas? E com que assepsia posso me

proteger do contágio? As feridas dos pacientes podem estar expostas e como podem ser cuidadas? Como tocá-las de maneira a não provocar dor maior? A angústia desenha-se pela sutileza do encontro que não se aprende concretamente. (Cociuffo, 2012)

Olhamos, fomos olhados. Fomos tocados pela experiência. Psicopatologia? Histórias. Em nossas vidas de terapeuta, ouviremos para sempre muitas histórias. Trago as mãos vazias e ouvidos e coração abertos, como diz o poeta. Psicopatologia? Estamos modificados e cada história ecoa em nós, revira, comove. Histórias, momentos de riso e choro. Em nossos encontros foi nos permitido compartilhar a solidão vivida nas ruas, as escolhas sexuais que levaram alguns para longe do convívio familiar, os crimes cometidos em momentos de “loucura”, as estratégias de sobrevivência para se manter vivo, a dependência de substâncias, a vida nas prisões. O sonho de voltar para casa em uma condição de vida boa. Muitos nos disseram que sentem saudades dos filhos, mas só voltarão quando tiverem o que oferecer. Aprendemos sobre os horários que regulam as refeições gratuitas e como se dá a escolha dos espaços públicos para dormir. Ouvimos histórias de sofrimento, enfrentamento da realidade, histórias delirantes como a de Elpídio, que tinha cursado 12 faculdades, era íntimo da presidenta e estava ali representando a mesma. Conhecemos a marca da dor, do desamparo familiar e do Estado. Psicopatologia. O que aprendemos? Alguns sintomas delirantes presentes nos relatos, sim. Mas receio que tenhamos aprendido muito mais sobre vínculo, aproximação, diferença e esperança, como descritas a seguir, no relato de alguns alunos ao final do curso.

RELATO DOS ALUNOS

Pôde-se entrar em contato com diversas pessoas, algumas mais diretamente, evidenciando-se a pluralidade do ser humano e, mais especificamente, da população de rua. A maioria estava disposta a conversar e alguns até estavam empolgados em contar suas histórias de vida e, à medida

*que o fizeram, pôde-se perceber a clareza de seus pensamentos e o quão diversas são as questões sociais e psíquicas que levam alguém a se tornar uma pessoa em situação de rua. (F.B. R.)*²

Devo concluir que essa experiência foi muito válida não só como aula prática de Psicopatologia, quanto para minha formação como psicóloga. Lá consegui me relacionar e conversar com as pessoas de uma forma desprentensiva, utilizando o dispositivo da escuta. No começo tive dificuldades em puxar uma conversa de uma forma espontânea, estava travada e não conseguia agir naturalmente. Além disso, tinha em mim que eu estava lá para a matéria de Psicopatologia e que, portanto, deveria analisar os sinais e sintomas dessas pessoas. Depois percebi que se ficasse presa nisso, não conseguiria enxergar o principal: o sujeito que estava diante de mim. Em alguns momentos, justificava para mim mesma que eu não deveria ser invasiva e por isso ficava na minha zona de conforto. Com o tempo, fui desconstruindo minhas fantasias e percebi que tendemos a ver a resistência no outro, sendo que na maioria das vezes ela está em nós. A minha presença podia incomodar alguns, mas por outro lado à escuta poderia ser valorizada por outros, e são esses que eu deveria considerar. Nos momentos em que eu ficava de pé sem conversar com ninguém, deixei de pensar se estaria incomodando, pois percebi que esse tipo de pensamento congelava minha abertura para o contato com o outro. Pelo contrário imaginava se não estava deixando uma oportunidade escapar, de escutar alguém que apreciaria essa escuta. Só essa postura de perceber que muitos adorariam ser escutados me fez sentir à vontade naquele ambiente. Parecia que as pessoas chegavam naturalmente até mim, conversas fluíam de uma forma espontânea e tranquila, mesmo nos assuntos mais delicados. (S.S.)

Essa experiência foi muito importante para nossa formação, pois tivemos contato com uma realidade que provavelmente não teríamos, se não fosse proposta em aula. Podemos enxergar um outro mundo, onde reinam a desconfiança, a solidão, o abandono e também uma ponta de esperança, que alguns carregam, em voltar para sua casa e família. (M.T.F.A.).

Embora o dia designado para as visitas não fosse muito apropriado para o nosso objetivo disciplinar (todas as sextas-feiras, no horário do nosso estágio, filmes eram exibidos simultaneamente), estar ali no Chá do Padre com aquelas pessoas foi muito importante para mim, na medida em que me ajudou a suspender e desmistificar preconceitos, a entrar em

2 Optamos por preservar a identidade dos alunos. Estão identificados pelas iniciais do nome e sobrenome.

contato com as minhas angústias e, principalmente, a voltar a notar e me importar com a vida dessas pessoas. Hoje, posso reconhecer a importância de um Sistema de Assistência Social eficiente, assim como notar as falhas presentes em nosso sistema brasileiro atual. Espero que esses encontros não se encerrem com a disciplina, mas sim, que representem apenas um ponto de partida". (F.A.Z.)

De uma maneira geral, as visitas de Psicopatologia foram muito ricas e acrescentaram muito em minha vida. Achei a proposta muito interessante e humanizada, pois visava olhar para o ser humano como um todo e não somente para sintomas e transtornos. Depois de cada visita, nos reuníamos e contávamos como tinha sido aquele dia para cada um e, nessa hora, podíamos ver a quantidade de histórias de vida tocantes que muitos dos moradores de rua possuem. São histórias que abrangem muito mais do que estamos acostumados a ver em nosso mundo, muitas vezes eu me pegava pensando em como aquelas pessoas haviam sobrevivido a tantos fatos marcantes, tanto sofrimento na rua, muitos traumas, muitos deles haviam matado alguém, ou passado um tempo na prisão. Essas histórias são o tipo de coisa que não ouvimos em nossa sociedade, pois estamos o tempo todo nos protegendo da realidade do mundo que, infelizmente, não é só alegria. (L.F.)

Posso dizer que esse primeiro contato foi muito desafiador, porém muito gratificante. Eu me senti muito bem após a visita, porém acredito que ainda não possuo uma capacidade de aproximação com a realidade de cada indivíduo que possibilite uma escuta isenta de julgamentos a priori, ou que seja guiada de maneira artificial. Acredito que nas próximas visitas eu consiga cada vez mais esse olhar aberto, de cuidado, de escuta, mais legítimo. (N.C.)

Começo meu relato informando a importância de estar em um local como o Chá do Padre para a realização das visitas de Psicopatologia. Desde o começo me mostrei muito interessada e muito animada com essas visitas. Tal interesse se deu pelo fato de, além de observar as psicopatologias, poder também estar em contato com uma população de extrema importância para ser ouvida, mas que na maior parte do tempo é esquecida por toda a população: os moradores de rua. Sendo assim, fui, desde o começo, muito empenhada e animada com esta participação. (...) Acredito que em termos de observar a psicopatologia pura e diagnosticada, não tivemos muito claro no Chá do Padre. Entretanto, não acredito que isso seja negativo, uma vez que a psicopatologia pura e diagnosticável seja algo que existe sim, mas também existe a psicopatologia conforme observarmos. (...) Sendo assim, acredito que, de forma geral, posso dizer que as visitas ao Chá do Padre

foram muito boas, pois me possibilitaram a compreensão da psicopatologia de outra forma e também me propiciou o contato com uma população que merece ser muito mais ouvida do que é. Dessa maneira, acredito poder afirmar que as visitas ao local foram de extrema importância em todos os aspectos da minha formação. (A.C.C.)

Confesso que desta vez não foi tão angustiante como da primeira vez, mas mesmo assim me senti de mãos atadas. Queria poder fazer mais por aquelas pessoas, mas foi agradável conversar com elas, e muito intrigante ouvir aquelas histórias. (S.S.)

CONCLUSÃO

Para além da possibilidade de intervenções futuras em projetos que podemos desenvolver em parceria e que tenham relevância social e possam ser desenvolvidas no coletivo, tivemos o objetivo de escutar a singularidade de cada sujeito e propor um aprendizado que se revele não como um acúmulo de habilidades, mas na constituição de um alargamento de continência, tanto intelectual quanto emocional de nossos alunos e, que, portanto, mais do que uma aprendizagem, constitui-se num crescimento. A nossa forma de ensino de Psicopatologia não trata simplesmente de diagnósticos a serem aplicados com maior ou menor precisão, mas do desenvolvimento de uma habilidade profissional muito delicada a que chamamos “escuta”.

Chegamos à conclusão de que o espaço da rua é um espaço privilegiado para a escuta. O sofrimento psíquico está em todos nós e em suas formas mais dilacerantes, está nos serviços de saúde mental, na solidão das ruas, dos albergues, nos manicômios que recebem ou não essa denominação. Incluir na formação de nossos alunos esses espaços de escuta possibilita o conhecimento e a convivência com as diversas possibilidades de existência. No nosso campo específico, o Chá do Padre, de forma modesta, nos aproximamos do objetivo de contribuir com os moradores de rua para o fortalecimento dos vínculos afetivos, sejam eles familiares e/ou comunitários.

REFERÊNCIAS

- Cociuffo, T. (2012). *Encontro Marcado com a Loucura: ensinando e aprendendo Psicopatologia*. São Paulo: Luc.
- Fédida, P. (1988). *A Clínica Psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta.
- _____(2001). *Des bienfaits de la dépression: éloge de la psychothérapie*. Paris: Odile Jacob, p. 240.
- Nascimento, M.; Brant, F.(1999). *Nos Bailes da vida*. In: Álbum Travessia – O melhor de Milton Nascimento. São Paulo: Universal. CD. Faixa 1.